

## JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE LINGUÍSTICA E COMPORTAMENTAL EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL

Olira Saraiva Rodrigues<sup>1</sup>

### Resumo:

O Orkut é uma ferramenta, utilizada como rede de relacionamentos, característica da sociedade atual que vive na cibercultura. A característica diferencial da *ciber* sociedade como uma nova possibilidade de estabelecer relacionamentos sociais, encontra-se no exercício de um tipo de identidade onde o anonimato apresenta-se como um elemento facilitador para o uso de “máscaras” e o exercício de “múltiplas identidades”. O artigo objetiva apresentar as análises e considerações iniciais sobre o que vem se denominando como interatividade virtual em comunidades constituídas pela identificação de interesses comuns.

**Palavras-chave:** Virtualidade, Juventude, Rede Orkut.

### Abstract

Orkut is a tool, used as a network of relationships, characteristic of the present society which lives in cyberculture. The differential characteristic of cyber society as a new opportunity to establish social relationships, is in pursuit of a type of identity where the anonymity presents itself as a facilitating factor for the use of "masks" and the exercise of "multiple identities". The article aims to present the initial analysis and considerations on what has been called as interactivity in virtual communities formed by the identification of common interests.

**Key-words :** Virtuality. Youth. Orkut Network.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Coordenadora de Projetos Tecnológicos da Diretoria de Ciência e Tecnologia da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Anápolis/GO.

Faz parte das práticas discursivas virtuais, objeto do meu trabalho de pesquisa, uma forma inovadora de interação social.

As pesquisas que buscam investigar como se relacionam os jovens na atualidade, face a todos os aparatos comunicativos tecnológicos, podem contribuir para apresentarem os diferentes sujeitos em suas distintas configurações, já que muitos têm demonstrado mudanças significativas nos perfis apresentados.

Este trabalho tem o propósito de desenvolver reflexões em torno do modo como os jovens se relacionam virtualmente, tendo como referência o estudo de vários jovens secundaristas goianos, total de 19 (dezenove), para examinar quem são, o que pensam, como agem frente à internet com o intuito de se relacionarem. A convergência entre eles é dada pelo fato de todos, sem exceção, estarem vinculados a uma comunidade virtual e manterem o hábito de acessar constante ou frequentemente.

Neste artigo, será descrito como o sujeito se porta neste *locus* de interação social, ou seja, a comunidade virtual, bem como suas escolhas, suas preferências, suas necessidades, suas expectativas, e, até mesmo, suas interpretações em diferentes linguagens apresentadas nos ambientes virtuais. Enfim, trata-se de uma abordagem dos tipos de relacionamento que se instauram nesses ambientes e qual é o teor de “eficácia” e satisfação por parte dos usuários.

Nessa perspectiva, a pesquisa objetivou, por meio da análise do discurso (AD) francesa, a compreensão das análises histórico-sociais das significações presentes na prática de conexões sociais a partir de uma tecnologia digital de interação virtual.

### **Análise do Discurso (AD)**

Os principais estudiosos da Análise do Discurso (AD) reúnem reflexões sobre o texto e a história, resultando daí uma análise textual que envolvia a Linguística, o Materialismo Dialético e a Psicanálise. Saussure-Marx-Freud são os três pilares da proposta de Pêcheux, situando a AD em três regiões do conhecimento:

- a) na linguística – com a problematização do corte saussuriano – teoria linguística e processos discursivos;

- b) no materialismo histórico – por meio da releitura de Marx – teoria da sociedade, história e ideologia;
- c) na psicanálise – por meio da releitura lacaniana de Freud – teoria do inconsciente.

Embora herde conhecimentos da Psicanálise, Linguística e Marxismo, a AD, em sua interdisciplinaridade, mantém sua especificidade, na medida em que delimita sua área de abrangência, o discurso. A noção de discurso é relacionada a outros conceitos, esta difere do conceito de mensagem no qual temos um emissor, receptor, código. Para a AD, a diferença consiste em o discurso produzir efeito de sentido entre interlocutores.

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem. (ORLANDI, 1999, p.15)

Assim, para a análise do discurso, é de fundamental importância trabalhar a relação entre sujeito, história e linguagem. De forma que não há linguagem sem sentido, como também não há sentido sem contexto histórico.

Então, a noção de discurso implica, necessariamente, as condições histórico-sociais de produção que envolvem o discurso. Assim, o lugar sócio-histórico-ideológico é de suma importância para a análise daqueles que enunciam.

A análise do discurso se dá por meio de uma materialidade linguística, onde não basta o conteúdo, mas sua construção, necessitando romper as estruturas linguísticas. Portanto, o analista parte para a ideologia, indispensável para a noção de discurso. A ideologia materializa-se no discurso, que é materializado pela linguagem em forma de texto.

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

Dessa forma, a língua é a base do processo discursivo, por isso a análise do discurso se dá na materialidade linguística, com suas estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Para Pêcheux, o sujeito nunca é origem do seu dizer. A consequência dessa concepção acaba sendo a de se supor que não existem discursos originais ou textos individuais. A esses discursos não originais dá-se o nome de intertexto. Segundo Orlandi (1999), por exemplo, os textos efetivamente produzidos são intertextos, já que, para essa autora, a produção discursiva de um falante sempre será atravessada por uma série de discursos preexistentes. Portanto, o discurso não é a manifestação de um sujeito que pensa e tem autonomia sobre o seu dizer. Ou seja, as condições de produção de um discurso se dão a partir do momento em que sujeitos estão envolvidos em eventos comunicativos que significam através de sentidos que podem ser acionados pela memória. É no apagamento da memória discursiva que o sujeito imagina ser dono de seu dizer.

Para o autor supracitado, existem dois tipos de esquecimentos que a partir deles, o sujeito cria uma realidade discursiva ilusória.

- a) Esquecimento nº 1 da ordem da enunciação – que se refere ao modo de como escolhemos o nosso dizer. Escolhemos apenas um modelo de dizer, aquele que o enunciador julgou mais adequado à situação.
- b) Esquecimento nº 2 da ordem do ideológico – pertencente à instância do inconsciente e está ligado à maneira em que fazemos uso do discurso. O esquecimento é considerado uma ilusão para a AD. A ilusão de “escolhemos nosso dizer”, a ilusão de que nosso dizer tem origem em nós.

Nessa perspectiva, serão relacionadas as entrevistas realizadas com os 19 (dezenove) alunos jovens selecionados com os sentidos que ela produz a partir das significações dadas por eles. Portanto, acredita-se que essa teoria nos fornecerá as ferramentas das quais são necessárias para se compreender o discurso que subjaz na rede de relacionamento Orkut.

## **Análise das Entrevistas**

A fase da entrevista ocorreu no decorrer do primeiro semestre de 2008, constituindo uma etapa elucidativa de algumas das significações apresentadas por esses sujeitos em relação ao tipo de interação virtual vivenciada por eles, frente aos dispositivos propostos pela Análise de Discurso. A escuta dos jovens entrevistados, cuja idade varia entre os 18 e 30 anos, identificados pelas letras do alfabeto, foi elemento indispensável para levantar reflexões, partindo da premissa que a historicidade do discurso se relaciona com a língua e a ideologia. Após a transcrição da gravação, escolheram-se recortes para análise de alguns processos de significação, frente aos processos tecnológicos.

### **1. Captura do sujeito por um processo de mercado**

O Orkut gerou uma nova sociedade, unindo pessoas de todas as classes sociais que têm interesses comuns no contato virtual.

Mas se o desenvolvimento tecnológico torna-se elemento constitutivo da sociedade contemporânea, as mudanças decorrentes abrangem todas as esferas da vida econômica, política, social e psíquica. Em razão das transformações tecnológicas e econômicas temos a emergência de novas subjetividades e novos tipos de corpos uma vez que a relação dos indivíduos e da própria sociedade com o processo de inovação técnica sofreu alterações consideráveis. (ROURE, 2007, p. 02).

Não é a posição social das classes sociais, mas a posição discursiva do sujeito. As classes estão presentes enquanto posição discursiva. Por isso, discurso é entendido pelas duas relações: a ideologia e a língua. Assim, todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.

O sistema hoje obriga a pessoa a ter um Orkut, é incrível, pelo menos a maioria... aliás, quase todos têm. Pessoas que convivem com você diretamente, manda um recado, sendo que ele vai te ver hoje. (I)

Um amigo meu falou que Orkut é igual identidade. Se você não tem, você não tem identidade. Você não existe. (S)

A gente sente excluída. Eu me sentia totalmente ignorante.(K)

Igual eles falam: Você tá na idade da pedra. (N)

Agora virou febre. (O)

Tais relatos demonstram a necessidade de se inserir no processo de relacionar-se virtualmente, aderindo-se até por imposição. Orkut enquanto objeto, conforme relatado na entrevista pelo aluno (I), “É igual celular, todo mundo tem hoje”, como forma de inclusão digital.

Consciente ou subconscientemente, os homens e as mulheres de nossa época são assombrados pelo espectro da exclusão. (BAUMAN, 2005, p.53)

## **2. Orkut: um vício?**

Durante as entrevistas, algo que ficou notório entre os sujeitos da pesquisa foi a intensiva frequência em relação à rede de relacionamento Orkut. A maioria enfatizou que a primeira página que abriam ao acessar a internet era o Orkut.

Antes de entrar em alguma coisa, sempre tenho que acessar o Orkut primeiro. (E)

Eu já vou e a primeira coisa que eu faço é abrir o Orkut mesmo. Mesmo se tiver uma pesquisa pra mim fazer eu deixo em segundo lugar. Primeiro eu vejo os recados, depois eu vou na pesquisa. (G)

Outros, ainda, delataram não só as inúmeras vezes que acessavam, mas a intensidade temporal dessas vezes, um tempo sem dimensão, como se realmente estivessem imersos ao fascínio da interação tecnológica virtual.

Eu nem uso mais telefone, só a Internet. Eu fico lá o tempo todo. Tem meses que eu não vejo novela. (L)

Tem gente que deixa de comer pra ficar na internet, às vezes o almoço do cara é três minutos, um macarrão instantâneo, por causa da internet. (I)

Eu como rapidinho pra ir pro computador. (M)

No início, quando eu abri meu Orkut, eu ficava horas e horas. Chegava em casa oito horas da noite, dez horas da noite. (K)

Se bem que eu passo só um tempo. Eu já passei até horas e horas lá. (D)

Uai, eu olho meus recados, minhas mensagens, mando mensagens também. Visito o Orkut dos meus amigos. E nisso aí vai tempos assim. (D)

Quando um amigo nosso coloca novas fotos, aí nós abre e vai ver e vai enrolando. (E)

### **3. Orkut: verdade ou farsa?**

Nas falas constatou-se, pelo número significativo de relatos, que o Orkut é, uma farsa, utilizada como forma de relacionamento. Sabem que vão mentir e que o outro também mente e mesmo a pessoa que diz a verdade, ela não diz tudo, omite. Faz-se refletir que não há lugar da honestidade em relações virtuais, impossibilitando uma futura relação, uma relação

concreta. A análise de discurso vai além da simples compreensão de um enunciado, é compreender também, qual a ideologia que o compõe.

Confiança a gente nunca tem, né? Assim, mas a gente conversa assim mesmo. (G)

Se você pesar 92, você diminui pra 85, (risos). (H)

Coloquei que eu sei falar espanhol, inglês, francês. É mais uma farsa. (E)

Ah... O meu perfil no Orkut também, o meu nome é verdadeiro, a idade é verdadeira, mas o resto tudo é uma farsa (...). Não cabe a nenhum ficar sabendo de onde eu venho, qual a minha identidade verdadeira. (D)

Igual mesmo, no meu Orkut as coisas que eu devo colocar são verdadeiras, se eu for colocar coisas de mentiras, prefiro não colocar, prefiro deixar em branco e é isso. (H)

Nesse ocultamento o sujeito se revela, porque ele revela suas fantasias. O que está oculto no Orkut é, na verdade, mais que simples *software*, mas disseminação de interação, veiculação e circulação de discursos, ideologias e manipulações de mentes e imagens para compor as simulações desejadas pelas pessoas. O sujeito é atravessado pelo inconsciente.

Ela disse que não mente, aí eu disse: mas omite. Omite informações, porque a total verdade ninguém fala, porque você nunca sabe realmente quem pode estar do outro lado. Tem gente que fala que é médico e varre chão, (risos). Não tem nenhuma diferença, né? Mas eu falo assim, tem gente que mente mesmo. (L)

50% verdade, 50% mentira. (Q)

Às vezes você tem que mentir pra segurar o contato. (O)

Muitas vezes, se a conversa não tá progredindo, você tem que mentir. (R)

Tá pobre, fica rico, (risos). Tá feio, fica bonito. Tá careca, vai ter cabelo. (S)

Outros tiram foto do lado de uma motona, só pra impressionar. A moto nem é dele. (I)

Sem contar que tem as montagens. Vai no photoshop e coloca que tirou a foto com um artista, tira o que tá do lado e põe a foto dele. (N)

Um pouco é mentira e um pouco é verdade. (Q)

O processo ideológico é um processo de construção e produção de uma significação dominante. O processo discursivo que se torna dominante numa sociedade, isso é ideologia. Ou seja, quando fala: Todo mundo, a gente... É um conjunto de formações discursivas com uma determinada significação.

A gente não fala a verdade 100%. (N)

Todo mundo já fica com o pé atrás. Você já entra com o pé atrás, quem mexe com Orkut, quem mexe com msn. (O)

Não é o sujeito quem fala, mas todo mundo fala, é uma forma de desaparecimento, uma categoria universal para o sujeito se eximir, está dentro da normalidade, todos mentem.

Os analistas franceses defendem a idéia de que o sujeito, ao passar de uma ambiente para outro, assume os discursos institucionais possíveis. A esse processo de adaptação

discursiva dá-se o nome de assujeitamento. Esse sujeito assujeitado é então aquele que se apropria de um discurso preexistente e faz uso dele a partir de regras também preexistentes.

Assim, a preocupação da identidade<sup>2</sup> na mídia, mais precisamente na Internet, é trazer uma multiplicidade (pluralidade) inevitável de discursos e de sentidos produzidos.

As telas dos computadores são os novos espaços para a nossa fantasia, ambas, as eróticas e as intelectuais. Nós estamos usando a vida nas telas dos computadores para tornarmos-nos mais confortáveis com a nova maneira de pensar sobre a evolução, relacionamento, sexualidade, política e identidade. (TURKLE, 1997, p.26)

Ou seja, a construção da identidade do sujeito inserida na cultura da simulação possibilita cada vez mais a construção de uma imagem ficcional de nós mesmos, na medida em que temos cada vez mais condições de sermos o que os outros almejavam que fôssemos, a autoconstrução.

E eu ainda sou evangélico, sabe, mas assim. É igual tá falando, julga assim mais pelas fotos, pela aparência, não pelo que realmente a pessoa é. Inclusive, no dia-a-dia eu sou um cara normal, mas eu gosto muito do estilo hip-hop, esses negócios. Mas as minhas fotos mesmo são do estilo, tipo característica da favela lá do Rio de Janeiro mesmo. (H)

Querer ser uma pessoa que você queria. (A)

O sujeito de desejo estava querendo dizer, há uma satisfação presente, sendo que cada usuário define a sua identidade, o seu sexo a sua personalidade através de uma

---

<sup>2</sup> **Identidade** 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc. (Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001)

construção lingüística, que pode ou não corresponder a sua realidade física, mas que dispõe de uma realidade virtual, uma existência não-corpórea, mas real.

Minhas fotos, geralmente, eu gosto de tirar fotos sensuais, com pose, com roupa curta. (G)

Com certeza. Se eu falo, eu sou morena, magra, cabelo liso, grande. Com certeza, tô falando o que no fundo gostaria que fosse mesmo. (G)

Certamente, essa descentralização do sujeito está sempre marcada pelo inconsciente.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. (HALL, 2005, p. 12)

#### **4. Controlar sem ser controlado...**

Eu quero “curiar” as pessoas sem que elas percebam, mas eu quero saber quem tá curiando no meu. (M)

Relevante também, observado no decorrer das entrevistas, é a questão do controle. Querer controlar sem ser controlado.

Abordar o engendramento de novas formas de subjetivação numa sociedade informacional implica ainda considerar a relação inédita entre informação, poder e controle, pensada por Deleuze (1999), ao dar continuidade aos trabalhos de Foucault. Acredito que o lugar ocupado pela informação como controle, funcionando como dispositivo de biopoder seja produtor de efeitos subjetivantes de natureza persecutória e mortífera, na medida em que demanda do sujeito a ultrapassagem dos limites espaciais e temporais que constroem a condição humana. (ROURE, 2007, p. 03)

O controle é característico de uma sociedade em rede, comumente de uma comunidade virtual. Até porque há a possibilidade disso acontecer, conforme os relatos apresentados, embora expressem o desejo de controlar e a insatisfação de serem controlados.

Eu tenho um. Eu tenho um que ninguém sabe que é eu, pra mim visitar as pessoas, até pessoas que eu não converso, pessoas assim, sabe? (G)

É porque pega chato você vasculhar a vida de uma pessoa que você já teve um relacionamento com ela. (B)

É bom pra “curiar” o Orkut dos outros. (R)

Eu estou brigado com ela, se eu quero ver os recados dela, eu crio um espião, com outro nome, aí eu acesso o dela. Aí eu entro no dela. (L)

Tendo a forma de a pessoa não ficar sabendo, todo mundo faz. Eu tenho dois Orkuts. Um é pra igreja, o outro é pros amigos. (R)

É interessante a questão da postagem de anônimos. A liberdade permitida na ciber sociedade, leva a comunidade a ser um lugar de satisfação de desejos recalcados, pois não é obrigatório identificar-se.

Fora que tem os Orkuts espiões. Mas é anônimo, ninguém sabe quem é de verdade. (M)

Nesse sentido, assim como nos casos de perfil *fake*<sup>3</sup>, o enunciador encontra lugar para saciar suas curiosidades, brincar e revelar coisas de sua intimidade. Logo, o anonimato garante uma sensação de segurança e conforto.

## 5. Orkut: menos escrita, mais imagem

Dividido e descentrado, o sujeito vive a busca ilusória de tornar-se outro. A linguagem é, aqui, a manifestação dessa busca, lugar em que o homem imagina constituir e expor sua própria identidade, que está profundamente envolvida no processo de representação de imagens, na comunidade virtual Orkut.

Eu olho a imagem. (G)

A imagem diz mais do que as palavras. Até porque muitos colocam tudo ao contrário. Uma coisa que não tem nada a ver. Mas quando você olha pra pessoa, entra nas fotos. Até a pose que ela faz. (A)

Eu vou muito pela foto. (A)

O perfil mesmo da pessoa assim, eu mesmo nunca olhei o perfil inteirinho. O que você mais olha é a data de nascimento da pessoa, se tá namorando, a frase que ela falou, né? E a foto. (O)

---

<sup>3</sup> **Fake** (do inglês, literalmente *falso*) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário, na maioria das vezes usando-se de identidades de famosos, personagens de filmes ou desenhos animados ou mesmo de pessoas conhecidas do dono da conta. Como não se sabe quem é o dono do fake, é comum chamar o próprio dono desse perfil de "fake". Ultimamente, fakes são mais encontrados em sites de relacionamento, como o [Orkut](#), e são criados geralmente com o intuito de fazer amizades, conhecer gente com os mesmos interesses, participar de comunidades privadas ou atuar em um jogo de rpg online. Mas existem também em serviços de mensagem instantânea e fóruns. Outra finalidade de um fake é dar opiniões sem se identificar, evitando constrangimentos ou ameaças pessoais ao opinante. Fakes também podem ser usados com más intenções, para ofender, difamar, defender, stalkear, hackear, etc. (WIKIPÉDIA)

Se não pôr a foto lá, ninguém vai. (S)

No começo do Orkut mesmo, eu não pus foto. Aí eu mandava um recado pra um amigo, ele perguntava: quem é você? (O)

A imagem é uma forma do sujeito se fragmentar e se apoderar de múltiplas identidades. Até a imagem (foto) é uma identidade. A relação do sujeito com aquilo que ele representa é a teoria da identificação. Trata-se não apenas de um fenômeno tecnológico, mas de um processo que envolve além de tecnologia, alterações nas dinâmicas sócio-comunicacionais.

Diferenciada da subjetividade construída no início da modernidade, o sujeito contemporâneo, inscrito em uma cultura do individualismo e do narcisismo, é autocentrado, determinado por imagens produtoras de uma realidade imaginária e virtual. (ROURE, 2003, p.343)

Desse modo, há uma separação promovida pela tecnologia, evitando o contato meramente pessoal, trazendo uma importante transformação, que está mediada com o outro, sem a relação com a presença.

## **6. Quanto mais, melhor!**

Existe, também, uma competição quantitativa sutil na rede de relacionamento Orkut, que talvez nem os próprios usuários se deem conta, quanto aos números de amigos, recados e comunidades.

Muitas vezes você vê pessoa fazendo competição por esse negócio. (A)

Quem tem mais recados, quem tem mais amigos. (B)

Não é tanto pela competição, é mais pelos comentários. As pessoas vão muito pelo que as outras comentam. (A)

Eu tenho 400 amigos. Eu tenho mais de 1000 recados. (G)

Tem pessoas que nem importam que tipo de recados estão recebendo. Importa é que aumente o número de recados. (M)

Tenho 60 comunidades. Tem de tudo quanto é coisa. Tem assim: eu uso salto, eu uso batom vermelho, eu tenho namorado,... (M)

### **Considerações finais**

A AD não pretende a totalidade, mas nesse campo linguístico da comunidade virtual Orkut, algumas reflexões auxiliaram na análise desses jovens usuários, através da formação discursiva dominante em processos de regularidade.

Nessa perspectiva, os recortes discursivos acima trazem enunciados repletos de significações constituídas de marcas quanto à constituição desse sujeito (para Pêcheux) cindido, dividido, impotente. Ou seja, tomado pela língua.

Decorrente da bilocação, o sujeito se apresenta simultaneamente em espaços diferentes. Há uma separação promovida pela tecnologia, evitando o contato meramente pessoal, trazendo uma importante transformação, que está mediada com o outro, sem a relação com a presença.

No decorrer do estudo, percebeu-se que o sujeito perdeu suas características singulares, passando a ser o sujeito massificado e mais alienado aos significantes da cultura contemporânea. Nisso, o sujeito muitas vezes esconde sua origem, muda seu perfil, numa tentativa de mudar sua identidade, de ser outro, de buscar nos dispositivos tecnológicos o preenchimento da falta que o constitui.

Importante, também, é salientar a impossibilidade de uma análise completa, apenas recortou-se a regularidade apresentada nas falas, no decorrer das entrevistas. Assim, não significa pressupor que todo jovem seja tomado e constituído do mesmo modo pelo mesmo discurso e tampouco afirmar que tal processo seja encontrado apenas em tal discursividade. Portanto, considera-se o limite da análise, cujas realidades apresentadas são reflexões de um trabalho inicial.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso** – Uma crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

ROURE, G. Q. de. **Educação e Cultura**. Revista Educativa. Goiânia. Editora da UCG, v. 6, n. 2. jul./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. **Gozo em Rede**. 2007.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'água Editores, Novembro, 1997.

WIKIPÉDIA: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fake>.